

Crisis y Ruptura Peninsular



Edición de

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete, Maria da Conceição
Vaz Serra Pontes Cabrita y Juan M. Carrasco González

CRISIS Y RUPTURA PENINSULAR

III Congreso Internacional de la SEEPLU
(Cáceres, 30 y 31 de octubre de 2013)

CRISIS Y RUPTURA PENINSULAR

III Congreso Internacional de la SEEPLU
(Cáceres, 30 y 31 de octubre de 2013)

Edición de

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete, Maria da
Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita y Juan M. Carrasco
González



2014

Cáceres

III CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SEEPLU – CRISIS Y RUPTURA PENINSULAR

COMITÉ ORGANIZADOR:

Presidenta - Carmen María Comino Fernández de Cañete
Secretaria – Maria da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita
Vocal – Juan M. Carrasco González



Centro de Estudios Galegos

EL CONGRESO CONTÓ CON EL APOYO DEL GOBIERNO DE EXTREMADURA Y LOS FONDOS FEDER DE LA UNIÓN EUROPEA.

GOBIERNO DE EXTREMADURA
Consejería de Empleo, Empresa e Innovación



UNIÓN EUROPEA
Fondo Europeo de Desarrollo Regional

Una manera de hacer Europa

© Los autores

© Universidad de Extremadura para esta 1ª edición

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones
C/ Caldereros, 2 - Planta 2ª. 10071 Cáceres (España).
Tel. 927 257 041 ; Fax 927 257 046
E-mail: publicac@unex.es
<http://www.unex.es/publicaciones>

Patrocina:

SEEPLU (Sociedad Extremeña de Estudios Portugueses y de la Lusofonía)

I.S.B.N.: 978-84-697-1337-2.

Depósito Legal: CC-276-2014.

Índice

Francisco Ivan da Silva – Gregório de Matos e o século XVII	9-45
Xosé Manuel Dasilva – Los vaivenes cronológicos de las traducciones españolas de <i>Os Lusíadas</i>	47-63
Hélio J. S. Alves – Presença da poesia portuguesa no <i>Siglo de Oro</i>	65-80
Manuel Ferro – O bilinguismo na épica portuguesa do período filipino: entre a expressão autonómica, a afirmação identitária e a importância do contexto cultural espanhol envolvente	81-99
Juan M. Carrasco González – Recepción de la obra del padre António Vieira en España y en la América española (siglos XVII y XVIII)	101-118
Carmen María Comino Fernández de Cañete – Construção silogística em <i>Sonetos à Conceição da Virgem N. S.</i>	119-132
Clara Anunciação, Carlos Severino – <i>Os Lusíadas</i> – símbolo nacional de duas culturas	133-147
Adriano Milho Cordeiro – D. António de Ataíde, cerzindo ideias e políticas por terras de Portugal e de Espanha, no tempo dos Filipes	149-163
Carlos Pazos Justo – (Re)visões, ideias e funções acerca do bilinguismo português-castelhano nas primeiras décadas do século XX	165-178
Milton Pedro Dias Pacheco – “De vossa real presença desejada”: Uma apologia político-alegórica a D. Filipe II de Portugal	179-212
Manuel Gama – Pós 1640: Portugal, do “olvido” ao convívio com a Espanha	213-227

Maria da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita – A “questão ibérica” em António Sardinha	229-240
Fernando Augusto Machado – Portugal e Espanha na balança ibérica: Uma leitura fantasmagórica situada de Almeida Garrett	241-261
Vanessa Riambau Pinheiro – A universalidade e a desvinculação do passado mítico: Os novos rumos da literatura portuguesa contemporânea	263-275
María Eugenia Pedrosa Casares – La enemistad literaria entre españoles y portugueses en <i>As batalhas do Caia</i> de Mário Cláudio	277-287
Marcos Antonio Rodríguez Piris – <i>Trovas do Bandarra</i> : De Trancoso a Pernambuco	289-304
Ana Alexandra Silva, Maria João Marçalo – Das primeiras gramáticas de português língua estrangeira – Os séculos XVII e XVIII	305-318
Anabela Matias, Paulo Osório, Maria da Graça Sardinha – Níveis de literacia em adultos portugueses e respetiva proficiência linguística: um estudo de caso	319-329
Xurxo Fernández Carballido – A competência cultural no processo de ensino e aprendizagem de português língua estrangeira (PLE)	331-341
José Ángel García López – Versões ignoradas das peças <i>A nossa terra é nossa!</i> e <i>Um remédio malfadado</i> de Ricardo Flores Pérez	343-355

O BILINGUISMO NA ÉPICA PORTUGUESA DO PERÍODO FILIPINO:
ENTRE A EXPRESSÃO AUTONÓMICA, A AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA E A
IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO CULTURAL ESPANHOL ENVOLVENTE

Manuel Ferro
Universidade de Coimbra
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos
ferro@fl.uc.pt

RESUMO

Se, durante o período filipino em Portugal (1580-1640) foi intensa a produção épica no contexto cultural português, quer em língua portuguesa, quer castelhana, mesmo nesta última situação de autores portugueses, polémico tem sido o modo como tal fenómeno tem sido abordado: se uns o vêem como a expressão acabada do espírito autonómico, outros consideram-no como manifestação da forte influência da cultura espanhola, que ao tempo se projetava a nível europeu. Outros ainda reconhecem nesse caso, pelo contrário, um modo de maior reconhecimento para as letras portuguesas, já que o pendor patriótico de alguns poemas também é reduzido. Em qualquer situação, para qualquer dos títulos aduzidos, é sempre de ter em conta fatores literários, paraliterários e extraliterários do período em causa.

PALAVRAS-CHAVE: Período filipino; épica; espírito autonómico; identidade nacional.

ABSTRACT

If, during the Philippine period in Portugal (1580-1640), the epic production in the Portuguese cultural context was intense, either in Portuguese or Spanish, and even in this last situation by Portuguese authors, it has been controversial the way how this phenomenon has been approached: if some criticism sees it as the most complete expression of the autonomic spirit, others consider it as a manifestation of the strong influence of the Spanish culture, which protruded at the time at an European level. Others still recognize in it, on the contrary, a mode of

greater recognition for the Portuguese letters, as the patriotic penchant of some of these poems is reduced too. Anyway, for any of the alleged titles, it is always to take into account literary, paraliterary and extraliterary factors of the involved period.

KEYWORDS: Philippine period; epics; autonomic spirit; national identity.

Sem dúvida alguma, desde os remotos tempos da fundação da nacionalidade que o bilinguismo ibérico no território que hoje é Portugal se projetou na produção literária e permitiu a criação de uma literatura, ou melhor, a consequente composição dum capítulo da história da literatura, quer do lado português, quer do castelhano, tipo 'terra de ninguém' e simultaneamente património dos dois países e das culturas inerentes. A princípio o binómio entre o galaico-português e o castelhano, depois, entre o português e o castelhano, pelo menos até ao fim do século XVII, inícios do século XVIII, permitiu o aparecimento de obras que se situam numa zona de fronteira, umas vezes em termos linguísticos, outras em termos literários e culturais. Levantam naturalmente questões pertinentes como as da conformidade com a identidade da nação e da cultura a que pertencem, já que até são compostas na "outra" língua, a da nação vizinha.

Vários são, pois, os motivos que geraram essa situação de bilinguismo, para além da proximidade geográfica e cultural. Por vezes, fatores históricos, políticos e sociais justificam esse fenómeno e quando se tratava de casamentos reais e principescos, com as habituais deslocações dos séquitos de acompanhantes, mais fácil se tornava a criação de condições para que se possibilitasse um ambiente bilingue ao nível da cultura de corte e, consequentemente, das classes dominantes (Cf. Bethencourt 2002: VII-X; Martínez Torrejón 2002: 3-10; Castro 2002, 11-23; Buescu 2000, 51-66 e 2004, 13-38). Desta forma, projeta-se tal fenómeno na criação literária a diferentes níveis, permitindo a produção de composições líricas, como as de Sá de Miranda, Diogo Bernardes (Navarrete 2002, 25-40), e Camões, ou Pero de Andrade Caminha (Anastácio 2002: 153-164); as obras do Condestável D. Pedro (Crispim 2002: 41-57); a prosa de Pêro de Magalhães Gândavo e Jorge Ferreira de Vasconcelos (Almeida 2002: 59-73); romances, como a *Diana*, de Jorge de Montemor

(Montero 2002: 75-84); epopeias como a de Duarte Dias (Cirurgião, 2002: 85-99); textos de pedagogia (Buescu 2002: 101-114) e obras religiosas e de espiritualidade (Civil 2002: 115-125); ou, numa fase mais adiantada, no século XVII, composições líricas, como os sonetos de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo Branco (Gomes 2002: 127-139); tratados de poética como o de Miguel Sanches de Lima (Castro, 2002: 141-151); poesia satírica e de circunstância (Martínez Torrejón 2002b, 165-181); bem como comédias quer de nítida importação espanhola ou, paradoxalmente, outras imbuídas de um espírito anticastelhano, como se verifica no caso de Jacinto Cordeiro (González 2002: 183-197).

Tais evidências possibilitam, pois, hoje que a tal fenómeno seja dedicada particular atenção e uma reflexão mais aturada, num momento, como o que atravessamos, em que as fronteiras se apagam e a integração europeia se torna um processo dinâmico. Como reação, num plano mais cultural e literário, o pós-modernismo suscita a ponderação sobre a identidade das nações, dos povos e das culturas locais. Autores como Anthony Smith, com obras como *The National Identity* (1991); Anne-Marie Thiesse, com *La Création des Identités Nationales* (2009); Patrick Geary, com *Europäischer Völker im frühen Mittelalter – Zur Legende vom Werden der Nationen* (2002); ou, em Portugal, José Mattoso, com *A Identidade Nacional* (1998); Luís Cunha, com *A Nação nas Malhas da sua Identidade. O Estado Novo e a construção da identidade nacional* (2001); Rainer Daehnhardt, com *Identidade Portuguesa: por que a defendo* (2002), entre outros títulos e obras afins, proporcionam um suporte teórico que permite a realização de estudos desta natureza. Mais especificamente, no plano dos estudos culturais e dos estudos literários, esmiuçados por Armand Mattelart & Érik Neveu (2006), assim como por Ziauddin Sardar & Borin Van Loon (2010), livros como *Letteratura, Identità, Nazione* (2009), com contributos de Bellini, Burgio, Conoscenti, Jossa, Pecora, Sanguinetti e outros críticos e teóricos contemporâneos da literatura; *Letteratura e identità nazionale* (1998), de Ezio Raimondi; ou *L'Italia letteraria* (2006), de Stefano Jossa, representam pontos de partida para a reflexão das questões debatidas em colóquios e conferências a nível global, como, por exemplo, o que teve lugar em Março de 2011, na Universidade de Palermo, subordinado ao tema *Letteratura Italiana e Identità Nazionale*; além de outro que se debruçou sobre *Os Nacionalismos*

na Literatura do Século XX. Os Indivíduos em face das nações (2010), coordenado por Ana Beatriz Barel; ou ainda, em Craiova, na Roménia, em 21-22 de Setembro do passado ano de 2012, sobre Discorso, identità e cultura nella lingua e nella letteratura italiana.

Por conseguinte, também entre nós, no contexto da cultura e literatura portuguesas valorizam-se e evidenciam-se aspetos que nos diferenciam, que marcam a diferença sem cair no desgastado lugar-comum do fado e da melancolia do nosso carácter. Eduardo Prado Coelho configura as vertentes da identidade e as facetas da imagem da cultura portuguesa em Nacional e Transmissível (2006), onde aponta elementos tão díspares como os pastéis de nata, a presença do mar, o bacalhau, as sardinhas, o vinho do Porto, a ginginha e o moscatel, a cortiça, as saudades e o desenrascanço. Assim, constroem-se imagens, melhor dito, autoimagens que se projetam no exterior como rótulos de marketing cultural. Fernando Pessoa e José Saramago constituem os nomes mais recorrentemente referidos e referenciados entre as manifestações literárias. Camões é hoje mais usado para um auditório mais culto e seletivo. Mas nem sempre assim foi...

Deste modo, os estudos de imagologia, também recentemente valorizados no âmbito da Literatura Comparada tornam-se campos de abordagem crítica, muito particularmente se forem tomadas em consideração as variadas linhas lançadas nos ensaios de Marius-François Guyard (1961), Hugo Dyserinck (1966, 1980, 1982, 1988a e 1988b), Hörst Rüdiger (1971), Peter Boerner (1975), Yves Chevrel (1989) e Manfred S. Fischer (1979). E assim compreendemos como, já no século XVI, com as riquezas e o prestígio alcançados com a expansão no mundo, bem como com o contacto com outros continentes, povos e culturas, Portugal forja uma imagem de si próprio que se expande na Europa, muito particularmente a partir da corte pontifícia de Roma, veiculada pelas orações de obediência ao Papa ou como sugerem obras de arte, como as tapeçarias e construções grandiosas como a Torre de Belém ou o Mosteiro dos Jerónimos. Vive-se um ambiente épico, como refere Fidelino de Figueiredo em *A Épica Portuguesa no Século XVI* (1930/1950/1987), obra em que enumera e distingue os diferentes vetores que compõem esse ambiente de euforia. Tudo havia de culminar com a composição d' *Os Lusíadas* (1572), o poema que passa de imediato a exprimir a essência da

alma portuguesa, que exalta o espírito empreendedor deste povo e serve de âncora à portugalidade, em especial daqueles que se acham espalhados pelo Mundo. O deslumbramento sentido pelo descobrimento do caminho marítimo para a Índia, os triunfos e vitórias militares sucessivos, a fundação de cidades no Brasil, em África e no Oriente, como S. Paulo (1554), Luanda (1560), Rio de Janeiro (1565), Macau (1557), e Nagasáqui (1571), os lucros acumulados com o comércio das especiarias ou o ouro da Mina, tudo isso cimenta a modelação dessa autoimagem de confiança e grandeza. A ideia de esplendor e magnificência das realizações humanas impunha-se de forma diferente perante os modelos homérico e virgiliano e o herói que obedecia aos impulsos de coragem, desejo de glória e aceitação do sacrifício, vivendo e morrendo por uma questão individualista, é substituído por uma nova conceção em que à perspetiva pessoal se sobrepõe um ideal social, coletivo, tornando-se a epopeia um poema que projeta um herói paradigma de uma nação. Mas no terceiro quartel do século XVI, apesar do crescimento do império, as nuvens adensam-se: há praças no norte de África abandonadas, a administração do reino é desorganizada, as dificuldades em manter um império tão vasto por um povo tão pequeno aumentam, e a ganância e o desejo de enriquecimento rápido precipitam o reino para a ruína. É neste ambiente conturbado, já marcado pela descrença e pela nostalgia que Luís de Camões compõe *Os Lusíadas*. Alinham-se aí os heróis do passado, avivam-se os mitos, os dramas e as tragédias que alimentam o nosso imaginário coletivo. Recupera-se um passado glorioso que se contrapõe a um presente de dificuldades (Ferro 1997^a: 309). Logo na dedicatória aponta-se para África, campo de prometidas glórias para um rei jovem e lunático – alternativa mais viável e económica para um reino esgotado; critica-se depois o luxo do Oriente, os elevados custos das armadas e o Velho do Restelo é a voz da consciência de uma parte da opinião pública da altura. Se o desencanto aflora à tona do discurso poético, as divisões internas transparecem e a descrença no futuro se avoluma, a verdade é que, em contrapartida, se cimentara a noção da pertença a uma nação forjada ao longo de séculos, consolidada pelos sonhos, sofrimentos e ambições do povo, do clero e de uma nobreza, que souberam articular com perfeição num só projeto a vontade de afirmação e construção de um estado, primeiro contra os leoneses e muçulmanos e depois contra as intempéries do mar alto.

Mas a derrota de Alcácer Quibir, o desaparecimento do rei no campo de batalha, o ruir da dinastia de Avis e o desaparecimento da independência nacional, tudo isso deu origem a um contexto apocalítico. Os monarcas espanhóis alargam o seu poder a Portugal e às possessões ultramarinas. Lisboa, desaparecida a corte, passou a cidade de província. Mas *Os Lusíadas* transpõe fronteiras, é traduzido, conhecido, comentado e fascina leitores de desvairadas nações, línguas e culturas. Contudo, de Camões já pouco se sabe trinta anos volvidos, depois da sua morte. Tudo renasce, porém, na segunda e terceira décadas do Século XVII e o poema passa a ser visto como um monumento incontornável da identidade de um povo e de uma nação que se levanta contra o governo espanhol, alimentando fortemente um espírito anti-castelhano e desafiando todas as classes à resistência durante o domínio filipino.

Na altura, o contexto literário também favorecia este fenómeno. O poema épico era a pedra de toque que punha à prova o estro poético de cada autor. Constituía o género mais sublime do panorama literário.

Na realidade, depois da tradução latina da Poética, em 1536, por iniciativa de Alessandro de Pazzi, inicia-se verdadeiramente um processo de verdadeira divulgação deste texto, de primordial importância para toda a teorização subsequente. Doze anos depois, publicaria Robortello as *In librum Aristotelis de arte poetica explanationes* (Robortello 1548), comentário onde se estabelecem as linhas fundamentais para a criação literária do Renascimento na sua segunda fase¹⁰. Castelvetro (1570-1576), Escalígero (1562), Vincenzo Maggi e Bartolomeo Lombardi (1550), Minturno (1563), Alessandro Piccolomini (1575), Fracastoro (1584) e Francesco Patrizi (1562 e 1586) iriam ser depois outros tantos exegetas responsáveis pela difusão das ideias aristotélicas em Portugal, como no resto da Europa, oferecendo elos seguros de transmissão, acessíveis aos novos críticos e teorizadores pelo conhecimento que possuíam do latim e do italiano (Ferro 2004: 131-138).

¹⁰ Sobre o contexto do Renascimento italiano, em que tem lugar toda esta atividade de difusão e estudo da poética aristotélica, é fundamental a consulta da obra de Weinberg (1961), complementada pelo monumental edição dos *Trattati di Poetica e Retorica del '500*, a cura di Weinberg (1974); assim como a de Spingarn (³1963). Ainda a ter em conta sobre esta matéria a obra de Dolezel (1990), pp, 27-57.

Apesar de a poética implícita apreendida na leitura da *Gerusalemme Liberata* (1581), de Torquato Tasso, logo após a sua divulgação em Portugal, condicionar de imediato a composição de alguns dos poemas épicos que entretanto foram surgindo, a difusão da teoria tassiana sobre o poema heroico só verdadeiramente se verifica no contexto da abundante corrente hermenêutica suscitada pela epopeia camoniana que, desde as primeiras décadas de Seiscentos, procura esclarecer os passos mais obscuros do poema e exalta o valor paradigmático d'*Os Lusíadas*. É essa atitude que faz sentir aos críticos a necessidade de se apoiarem em conceitos fundamentais próprios do género, a fim de poderem rebater alguns espíritos mais rigorosos, que desde logo começaram a tecer críticas cerradas a certas particularidades da epopeia camoniana. Para isso, invocam-se aspetos já codificados e aceites, mas nem sempre interpretados de maneira unívoca¹¹. Gera-se deste modo a polémica, debatem-se princípios, citam-se e analisam-se os poemas marcantes não só do passado, como da atualidade, recorre-se à autoridade dos teorizadores antigos e modernos. E, entre estes, era Torquato Tasso quem apresentava uma teoria mais estruturada e consistente. Ponto de chegada dos grandes comentadores quinhentistas da Poética de Aristóteles e fruto dos aspetos que haviam sido objeto, primeiro, da reflexão que acompanhou a génese da *Gerusalemme Liberata* e, depois, de debate do próprio Tasso com os académicos da Crusca, a sua teoria era, sem sombra de dúvida, a que estava em maior consonância com os novos tempos e os códigos estéticos entretanto elaborados. Camões rivalizava, então, com Tasso; *Os Lusíadas* com a *Gerusalemme Liberata* (Ferro 2004: 171-272).

Nesse contexto, até à sua extinção em 1580, a corte fora verdadeiramente bilingue. Se previamente não o tinha sido, os três casamentos de D. Manuel, depois o de D. João III fortaleceram esse pendor. Exceção feita a António Ferreira, raros foram os outros nomes da literatura portuguesa que rejeitaram o uso da língua castelhana (Buescu 2004).

Mesmo autores extremados, como Gil Vicente Sá de Miranda, afinavam pelo mesmo diapasão no culto da musa estrangeira e a

¹¹ Sobre esta matéria e este período que antecede o da receção de Tasso nas letras portuguesas, e se estabelece uma verdadeira poética implícita da epopeia no contexto português, remetemos para o estudo de Hélio J. S. Alves (2001).

essa febre não escapou Damião de Góis, Luís de Camões ou Jerónimo Osório. O próprio Pedro Nunes afirma na dedicatória “Carta do autor desta obra [dedicada] Ao Mvito Alto et Mvito Excellente Principe o Cardeal Iffante Dom Anrique” do *Libro de Algebra en arithmetica y geometria*, publicado em Anvers, em 1567, ter feito a tradução do original português em castelhano, por questões de facilidade de divulgação do saber nele contido no país vizinho.

E primeiramente a escreuj em nossa lingoa Portuguesa, & assi auio V.A. mas despois considerando que ho bem quanto mais co[m]um & vniversal, tanto he mais excelente, & porque a lingoa Castelhana he mais co[m]um em toda Espanha que a nossa, por esta causa aquis trasladar em lingoa Castelhana, para nella se auer de imprimir, porq[ue] nam careça della aquella nação tanto nosa vizinha, com aqual tanto co[m]unicamos, & tanta amizade temos. (Nunes, 1567, [3]-[3v]).

Por isso, não admira que perda da independência, e, em paralelo, com o culto crescente de Camões, também Manuel de Faria e Sousa tenha invocado o uso do castelhano na sua monumental edição do poema camoniano, apontando a contribuição para uma maior divulgação d’*Os Lusíadas*, não exclusivamente em Espanha, mas em todo o mundo culto da época, facto que o levou a elaborar o respetivo comentário nessa língua e não em português:

[...] Pero quãdo esto en mi pareciera culpa, a la verdad no lo es, sino de aquellos que se muestran doctos en lèguas estrañas, sin saber de las de su Provincia, ni aũ la que es tan parecidaa la Castellana como la Portuguesa; siendo cierto, que para ellos se tiene esta cõvertido en Griego, al passo que nos quieren dar a entender, que el Griego se tiene convertido en ellos. A mi me consta, que todos alaban en Castilla a Luis de Camoës, i que le entiēden pocos: no quiero arrojarme a dezir ninguno, que por ventura, pudiera, sin ponerme en necesidad

acusarme dello; pues de Portugal propio puedo seguramente dezirlo. I si no, muestrame alguno borradores en que se aya leido hasta oy, o testimonios que afirmen aver oido a otro algo de lo infinito recondito que descubro en todo el Poema. Hablo con seguridad, i no sin respeto: porque yo no digo que lo obrè por mayor entendimiento, ni sutileza, ni estudio, sino por mayor diligencia, i desvelo, i amor al credito de España por el ingenio, que Luis de Camoões le perpetuò con el suyo. [...] Mas dexando de ofrecer sumisiones a disparates de jactancias vanas, i de embidias ignorantissimas, concluyo que por unos i otros respetos hago comun para toda España el soberano fruto de tan sublime ingenio, con esponerle en esta lengua, que tuvo fuerte (no sin meritos por cierto) de que fuesse mejor entendida en estos Reynos, aunque si otra lo fuera no se usara menos (Camões/Sousa, 1972/1639, I, 14).

Semelhante atitude assumem, então, os poetas e do mesmo modo o exprimem, como faz Bernarda Ferreira de Lacerda quando resolve adotar o castelhano para composição das duas epopeias de sua lavra. Não admira, por consequência, que, no âmbito da produção literária da época, a composição de obras em língua castelhana fosse aceita sem grandes problemas, sem afetar a identidade da nação e o patriotismo dos seus autores. É por isso que Hernâni Cidade, em *A Literatura Autonomista sob os Filipes* (1943), defende a tese de que a épica barroca portuguesa possuía uma matriz nacionalista, tese que logo tal foi rebatida por Eugenio Asensio, em *España en la épica portuguesa del tiempo de los Filipes (1580-1640). Al margen de un libro de Hernâni Cidade*, de 1974. De qualquer modo, a produção de epopeias na altura, muito conceituada pelos motivos apontados de ordem política, mas também de ordem cultural e literária, assistiu assim a um florescimento peculiar, tanto em língua portuguesa, como em castelhano e até alguns exemplares – menos, muito menos, sem dúvida – em latim. Nesse contexto bilingue dos escritores portugueses, que frequentemente se revelavam ilustres polígrafos, é, pois, relevante o número de autores que sendo portugueses deram aos prelos poemas épicos em castelhano. Entre a tipologia por mim apontada no verbete referente a “Épica” da *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (de 1997a, Vol. 2, col. 305-314), pode-se, pois, apontar a seguinte

inserção dos títulos publicados exclusivamente em castelhano nas categorias a seguir apontadas:

Devido à popularidade do género, no âmbito do poema Mitológico, conta-se de

- GALHEGOS, Manuel de (1628). *Gigantomachia*. Lisboa: por Pedro de Crasbeeck¹².

sem dúvida alguma, o poema deste tipo mais conseguido concebido em Portugal.

Outro tipo abrange poemas sobre assuntos de carácter ecuménico, uns de carácter religioso, outros mais catequéticos, de acordo com o espírito dominante da Contra-Reforma. Entre os primeiros assinalam-se, como exemplo,

- LUSITANO, Estrela (1604). *La Machabea*. Leon: por Pedro Geverdo
- CAYRASCO, Bartolomeo (1615). *Templo militante, Triunfos de Virtudes, Festividades e y Vidas de Santos*. Lisboa: por Pedro de Crasbeeck
- TOMAZ, Manuel (1626). *El Angelico Doctor S. Thomaz de Aquino, sv Vida, Excellencias, y Muerte*. Lisboa: por Iorge Rodrigues
- DELGADO, João (Moisés) Pinto (1627). *Poema de la Reina Ester*. A Rouen: Chez David du Petit Val
- MACHADO, Buenaventura (1632). *Silva de espirituales y morales pensamientos, símbolos, y geroglíficos sobre la vida y dichosa muerte, del padre M. Pedro Dias*. Barcelona, Sebastian y Iame Matevad
- SILVEIRA, Miguel da (1638). *El Macabeo. Poema Heroico*. Nápoles: por Egidio Longo

Dos segundos, aponte-se:

- ARAGÃO, Fernando Ximenes de (1608). *Restauración del hombre*. Lisboa: por Pedro Crasbeeck

Outra categoria inclui as epopeias de importância universal:

¹² A propósito desta epopeia, consulte-se o estudo de minha responsabilidade: Ferro, 2012, 5-14.

- CORTE-REAL, Jerónimo (1578). *Felicissima Victoria concedida del cielo al señor don Juan d' Austria, en el Golfo de Lepanto de la poderosa armada Othomana. En el año de nuestra salvacion de 1572*. Lisboa: por Antonio Ribero
- DIAS, Duarte (1590). *La Conquista [...] de Granada*. Madrid: por la Viuda de Alonso Gomez¹³
- SAN MARTÍN, Gregório de (1628). *Restauración de Bahía*, no volume *Todo lo nuevo aplaze*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck
- VASCONCELOS, Francisco Botelho de Morais e (1701). *El Nuevo Mundo. Poemna Heroico*. Barcelona: en la Imprenta de Iuan Pablo Marti

A classe que conta com poemas de interesse hispânico, por tratar de assuntos relacionados com o contexto ibérico, é o filão mais numeroso deste tipo de produção épica em castelhano por razões obviamente compreendidas:

- ALARCÓN, Juan Soares de (1606). *La Infanta coronada*. Lisboa, por Pedro Craesbeeck
- VASCONCELOS, João Mendes de (1612). *Liga deshecha por la expulsion de los moriscos*. Madrid: por Alonso Martin
- LACERDA, Bernarda Ferreira de (Parte I: 1618; 2ª Parte: 1673). *Hespaña libertada*. Lisboa: en la Oficina de Pedro Craesbeeck
- CASTELBRANCO, Vasco Mousinho de Quevedo (1619). *Triumpho del Monarcha Filippo Tercero en la felicissima entrada de Lisboa*. Lisboa: Jorge Rodrigues¹⁴
- SOUSA, Nicolau de (1620). *Sucesso africano, Cádiz, Juan de Borja*. En Cadiz: en casa de Iuan de Borja
- SÁ, Francisco Matos de (1620). *Entrada y Triumpho que la Ciudad de Lisboa hizo a la C. R. M. del Rey D. Phelipe Tercero*

¹³ Sobre este poema, veja-se o ensaio acima referido de Cirurgião, 2002, 85-99.

¹⁴ Acerca deste poema, considere-se igualmente de minha autoria: Ferro, 2013. Remeto ainda para o texto de Mílton Pacheco, “‘De vossa Real presença desejada’. Uma apologia político-alegórica a Filipe II de Portugal”, inserido neste volume, que explora sobremaneira a componente icónica da arquitetura efémera celebrativa da ocasião da visita de Filipe III ao Reino, dedicando particular atenção ao arco triunfal erigido pela Inquisição e valorizando os relatos a ele dedicados no poema épico de Vasco Mousinho de Quevedo Castelbranco.

de las Españas, y Segundo de Portugal. Lisboa: por Jorge Rodriguez

- LOBO, Francisco Rodrigues (1623). *La jornada que la Magestad Catholica del Rey Don Phelipe III de las Españas hizo a su Reyno de Portugal; y el Triumpho, y Pompa con que le recibió la insigne Ciudad de Lisboa el año de 1619*. Lisboa: por Pedro Crasbeeck Impressor del Rey¹⁵
- SAN MARTÍN, Gregório de (1624). *El Triunfo más famoso que hizo Lisboa a la entrada de Dom Phelippe Tercero d'España, y segundo de Portugal*. Lisboa: por Pedro de Craesbeeck
- VASCONCELOS, Francisco Botelho de Morais e (1731; 1.^a ed.: 1712). *El Alphonso, o la Fundacion del Reino de Portugal, assegurada, y perfecta en la Conquista de Lysboa. Poema Epico*. Salamanca: en la Imprenta de Antonio Villargordo

A todos estes, podemos ainda acrescentar uma série de poemas heroicos, muito embora assumam igualmente um carácter panegírico manifesto:

- SILVEIRA, Miguel da (1639). *El sol vencido*. Nápoles: por Egidio Longo
- SILVEIRA, Miguel da (1639). *Parténope ovante*. Nápoles: por Egidio Longo¹⁶
- VASCONCELOS, Francisco Botelho de Morais e (1696). *Panegyrico Historial Genealogico de la Familia de Sousa*. Cordoba: por Diego de Valverde y Leyva y Acisclo Cortès de Ribera

Por conseguinte, entre uma produção épica que conta com um número considerável de textos, mais de noventa na sua totalidade, compostos durante o Barroco e o Neoclassicismo, os vinte e quatro apontados redigidos em castelhano foram na sua maioria compostos durante o período da monarquia dual, se bem que alguns ainda sejam provenientes de um período mais tardio

¹⁵ Na sequência do que é dito na nota anterior, considere-se igualmente o texto de Milton Pacheco, “‘De vossa Real presença desejada’. Uma apologia político-alegórica a Filipe II de Portugal”, que explora a representação poética que o poeta Francisco Rodrigues Lobo faz sobre a entrada solene de Filipe III em Lisboa.

¹⁶ Uma abordagem crítica desta composição épico-panegírica encontra-se no ensaio de minha lavra: Ferro, 2007.

que se prolonga até ao início do século XVIII. O vigor do bilinguismo parecia então entrar em declínio no que se refere ao uso do castelhano. Os ventos do Iluminismo preferiam o uso do francês, que se tornava a língua ecuménica do mundo culto e se transformava no veículo das notícias do progresso, num mundo que se afirmava como o melhor dos mundos possíveis, professando uma confiança e uma fé consolidada nas certezas da explicação do mundo que a ciência transmitia. Definitivamente, o bilinguismo luso-castelhano perdia terreno nos meios cultos e nem os (raros) casamentos reais posteriores com princesas espanholas o pôde restabelecer e revigorar...

BIBLIOGRAFIA

- Almeida (2002): Isabel Almeida, "Inventer en castillan, illustrer le portugais: les exemples de Pero de Magalhães Gândavo et de Jorge Ferreira de Vasconcelos", in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane*, Org. de José Miguel Martínez Torrejón, Lisboa-Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, pp. 59-73.
- Alves (2001): Hélio J. S. Alves, *Camões, Corte-Real e o Sistema da Epopeia Quinhentista*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.
- Anastácio (2002): Vanda Anastácio, "Réflexions autour des poésies en langue castillane de Pero de Andrade Caminha" in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane. Loc. cit.*, pp. 153-164.
- Aristóteles (1536): *Aristotelis Poetica, per Alexandrum Paccium, patritium florentinum, in Latinum conversa*. Venetiis: in aedibus haeredum Aldi, & Andreae Asulani soceri.
- Asensio (1974): Eugenio Asensio, *España en la épica portuguesa del tiempo de los Felipes (1580-1640). Al margem de un libro de Hernâni Cidade*, in Asensio, Eugenio, *Estudios Portugueses*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 455-493.
- Barel (2010): Ana Beatriz Demarchi Barel, *Os Nacionalismos na Literatura do Século XX. Os Indivíduos em face das nações*, Coimbra, Minerva.
- Bellini (2009): Giuseppe Burgio, Davide Bellini, Stefano Jossa, Domenico Conoscenti, Massimiliano Pecora, Federico Sanguinetti et al., *Letteratura, Identità, Nazione*, Palermo, Duepunti Edizioni.
- Bethencourt (2002): Francisco Bethencourt, "Préface" in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane, loc. cit.*, pp. VII-X.
- Boerner (1975): Peter Boerner, "Das Bild vom anderen Land als Gegenstand literarischer Forschung", in *Sprache im technischen Zeitalter*, Heft 56, pp. 313-321.
- Buescu (2000): Ana Isabel Buescu, "Y la Hespañola es fácil para todos. O bilingüismo, fenómeno estrutural (séculos XVI-XVIII)" in *Memória e Poder. Ensaios de Historia Cultural (séculos XV-XVIII)*, Lisboa, Cosmos, pp. 51-66.

- Buescu (2002): Ana Isabel Buescu, "Francisco de Monçon et la 'pédagogie spéculaire' à la Cour portugaise (XVI^e siècle)" in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane, loc. cit.*, pp. 101-114.
- Buescu (2004): Ana Isabel Buescu, "Aspectos do Bilingüismo Português-Castelhano na Época Moderna", *Hispania*, LXIV/1, n.º 216, pp. 13-38.
- Camões (1972): Luís de Camões, *Lvsiadas de Lvis de Camoens, Principe dos Poetas de España: Al Rey N. S. Filipe IV. el Grande. Comentadas por Manuel de Faria i Sousa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Ed. fac-similada da de Madrid: por Ivan Sanchez, 1639).
- Castelvetro (1978): Ludovico Castelvetro, *Poetica d'Aristotele vulgarizzata e sposta*, Roma - Bari: Laterza [1.^a ed.: Vienna-Basilea, 1570-1576].
- Castro (2002): Aníbal Pinto de Castro, "L 'Arte poética en romance castellano' de Miguel Sanches de Lima" in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane, loc. cit.*, pp. 141-151.
- Castro (2002): Ivo Castro, "Sur le bilinguisme littéraire castillan-portugais" in *idem, ibidem*, pp. 11-23.
- Chevrel (1989): Yves Chevrel, "L' image de l' étranger", in Yves Chevrel, *La littérature compare*, Paris, P. U. F., pp. 25-26.
- Cidade (1943): Hernâni Cidade, *A Literatura Autonomista sob os Filipes*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- Cirurgião (2002): António Cirurgião, "Le merveilleux dans 'La Conquête [...] du Royaume de Grenade' de Duarte Dias" in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane, loc. cit.*, pp. 85-99.
- Civil (2002): Pierre Civil, "Aspects de la spiritualité de la la Contre-Réforme dans la Péninsule ibérique: de quelques écrits en castillan de religieux portugais" in *idem, ibidem*, pp. 115-125.
- Coelho (2006): Eduardo Prado Coelho, *Nacional e Transmissível*, Lisboa, Guerra & Paz.
- Crispim (2002): Maria de Lourdes Crispim, "Le Connétable D. Pedro: écrire en castillan... Et pourquoi?" in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane, loc. cit.* pp. 41-57.

- Cunha (2001): Luís Cunha, *A Nação nas Malhas da sua Identidade. O Estado Novo e a construção da identidade nacional*, Porto, Edições Afrontamento.
- Daehnhardt (2002): Rainer Daehnhardt, *Identidade Portuguesa: por que a defendo*, Lisboa, Apeiron Edições.
- Dolezel (1990): Lubomír Dolezel, *A Poética Ocidental. Tradição e Inovação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dyserinck (1966): Hugo Dyserinck, "Zum Problem der 'images' und 'mirages' und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft", *Arcadia. Zeitschrift für Vergleichende Literaturwissenschaft*, Band 1, pp. 107-120.
- Dyserinck (1980): Hugo Dyserinck, "Der Beitrag der Komparatistik zur Rezeptionsforschung und die Möglichkeiten einer Fachspezifischen Rezeptionsforschung innerhalb der Komparatistik", *Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft, Sonderheft*, 46, pp. 135-140.
- Dyserinck (1982): Hugo Dyserinck, "Komparatistische Imagologie jenseits von 'Werkimmanenz' und 'Werktranszendenz'", *Synthesis. Bulletin du Comité National de Littérature Comparée de la République Socialiste de Roumanie*, IX, pp. 27-40.
- Dyserinck (1988a): Hugo Dyserinck, "Komparatistische Imagologie. Zur politischen Tragweite einer europäischen Wissenschaft von der Literatur" in Dyserinck, Hugo & Syndram, Karl Ulrich (Hrsg.). *Europa und das nationale Selbstverständnis. Imagologische Probleme in Literatur, Kunst und Kunst des 19. und 20. Jahrhunderts*, Bonn, Bouvier, pp. 13-37.
- Dyserinck (1988b): Hugo Dyserinck, "Zur Entwicklung der komparatistischen Imagologie", *Colloquium Helveticum. Cahiers suisses de littérature générale et comparée. Schweizer Hefte für allgemeine und vergleichende Literaturwissenschaft*, 8, pp. 19-42.
- Ferro (1997a): Manuel Ferro, "Épica", in José Augusto Bernardes *et al.*, *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. II, Lisboa, Editorial Verbo, col. 305-314.
- Ferro (1997b): Manuel Ferro, "Epopéia", in *idem, ibidem*, col. 342-347.
- Ferro (2004): Manuel Ferro, *A Recepção de Torquato Tasso na Épica Portuguesa do Barroco e Neoclassicismo*, Tese de Doutoramento, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Ferro (2007): Manuel Ferro, "Resplandores de una breve nube" — Um exemplo de épica epidíctica na poesia seiscentista: *Partenope*

- Ovante*, de Miguel da Silveira”, in Isabel Almeida, Maria Isabel Rocheta, Teresa Amado, *Estudos para Maria Idalina Rodrigues, Maria Lucília Pires e Maria Vitalina Leal de Matos*, Lisboa, Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade, pp. 609-639.
- Ferro (2012): Manuel Ferro, “From Hesiod to Manuel de Galhegos: The *Theogony* vs. the *Gigantomachy*”, in *ATINER'S Conference Paper Series, N.º LIT2012-0269*, Athens, Institute for Education and Research, pp. 5-14.
- Ferro (2013): Manuel Ferro, “A intersecção do paradigma tassiano na épica portuguesa do Barroco: O caso exemplar de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo-Branco”, *Veredas* (no prelo).
- Figueiredo (1987): Fidelino de Figueiredo, *A Épica Portuguesa no Século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Fischer (1979): Manfred S. Fixcher, "Komparatistische Imagologie. Für eine interdisziplinäre Erforschung national imagotyper Systeme", *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 10, pp. 30-44.
- Fracastoro (1484): Hieronymus Fracastoro, *Naugerius, sive de poetica dialogus. Ad Ioannem Baptistam Rhamususium*, in: Fracastorii, Hieronymii Veronensis. *Opera Omnia*, Venetiis, Apud Iuntas, pp. 111-121.
- Geary (2008): Patrick Geary, *O Mito das Nações. A Invenção do Nacionalismo*, Lisboa, Gradiva (Orig.: 2002. *Europäischer Völker im frühen Mittelalter – Zur Legende vom Werden der Nationen*).
- Gomes (2002): Luís Gomes, “Les sonnets en castillan de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo Branco: un cas d’artifice” in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d’auteurs portugais en langue castillane, loc. cit.*, pp. 127-139.
- Gonzalez (2002): Christophe Gonzalez, “De la Comédie espagnole aux textes anti-castillans, l’itinéraire d’un dramaturge portugais entre la Monarchie dualiste et la Restauration: Jacinto Cordeiro”, in *idem, ibidem*, pp. 183-197.
- Guyard (1961): Marius-François Guyard, “L’ étranger tel qu’on le voit”, in Marius-François Guyard, *La littérature comparée*, Paris, P. U. F., pp. 110-119 (1.ª ed.: 1951).
- Jossa (2006): Stefano Jossa, *L’Italia letteraria*, Bologna, Il Mulino.
- Maggi (1969): Vincenzo Maggi e Bartolomeo Lombardi, *In librum Aristotelis de Poetica explanationes*, München, Fink (1.ª ed.: 1550).

- Martínez (2002a): José Miguel Martínez Torrejón, "Prologue" in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane, loc. cit.*, pp. 3-10.
- Martínez (2002b): José Miguel Martínez Torrejón, "La poésie satirique et de circonstance autor de l'union ibérique" in *idem, ibidem*, pp. 165-181.
- Mattelart (2006): Armand Mattelart e Érik Neveu, *Introdução aos 'Cultural Studies'*, Porto, Porto Editora.
- Mattoso (1998): José Mattoso, *A Identidade Nacional*, Lisboa, Gradiva.
- Minturno (1971): Minturno, *Arte Poetica*. München: Fink (1.^a ed.: 1563).
- Montero (2002): Juan Montero, "Jorge de Montemayor, castillan d'élection" in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Volume XLIV: La littérature d'auteurs portugais en langue castillane, loc. cit.*, pp. 75-84.
- Navarrete (2002): Ignacio Navarrete, "Sá de Miranda et Diogo Bernardes, imitateurs de Garcilaso" in *ibidem*, pp. 25-40.
- Nunes (1567): Pedro Nunes, *Libro de Algebra en arithmetica y geometria compuesto por el Doctor Pedro Nuñez, cosmographo mayor del rey de Portugal, y cathedratico jubilado en la cathedra de mathematicas en la Universidad de Coymbra*, En Anvers: en casa de los herederos d'Arnoldo Birckamn a la Gallina gorda.
- Patrizi (1562): Francesco Patrizi, *Della retorica*, Venezia, appresso Francesco Senese.
- Patrizi (1586): Francesco Patrizi, *Della poetica*, Ferrara, per Vittorio Baldini stampatore ducale.
- Piccolomini (1575): Alessandro Piccolomini, *Annotazioni nel libro della Poetica*, Vinegia, presso Giovanni Guarisco & Compagni.
- Raimondi (1998): Ezio Raimondi, *Letteratura e identità nazionale*, Milano, Bruno Mondadori.
- Robortello (1555): Francesco Robortello, *In librum Aristotelis de arte poetica explanationes*, Basileae, per Ioannem Heruagium iuniorem (1.^a ed.: 1548).
- Rüdiger (1971): Horst Rüdiger, *Literarisches Klischee und lebendige Erfahrung. Über das Bild des Deutschen Literatur und des Italieners in der deutschen Literatur*, Düsseldorf, Dt. Fraternitas e. V.

- Sardar (2010): Ziauddin Sardar e Borin Van Loon, *Introducing Cultural Studies. A Graphic Guide*, London, Icon Books.
- Scaligero (1964): Giulio Cesare Scaligero, *Poetices Libri VII*, Stuttgart, Frommann (1.ª ed.: 1562).
- Smith (1997): Anthony Smith, *A Identidade Nacional*, Lisboa, Gradiva (Orig.: 1991. *The National Identity*).
- Spingarn (1963): J. E. Spingarn, *A History of Literary Criticism in the Renaissance*, New York / Harcourt, Brace and World.
- Tasso (1979): Torquato Tasso, *Gerusalemme Liberata*, A cura di Lanfranco Caretti, Milano, Mondadori (1.ª ed.: 1581).
- Thiesse (2000): Anne-Marie Thiesse, *A Criação das Identidades Nacionais*, Lisboa, Temas e Debates.
- Weinberg (1974): Bernard Weinberg (a cura di), *Trattati di Poetica e Retorica del '500*, Bari, Gius. Laterza & Figli.
- Weinberg, (1961): Bernard Weinberg, *A History of Literary Criticism in the Italian Renaissance*, 2 Vols., Chicago, The University Chicago Press.

